



**VI ENLIJE**  
Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

## **A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA POESIA POPULAR CONTRIBUINDO PARA A DISSEMINAÇÃO DE UM DISCURSO DE AUTOAFIRMAÇÃO**

Maria Suely da Costa

*Universidade Estadual da Paraíba; [mscosta3@hotmail.com](mailto:mscosta3@hotmail.com)*

**Resumo:** Este estudo teve por objetivo analisar representações do negro em literatura de cordel. O interesse específico esteve em verificar, dentre esta produção literária de circulação em folhetos impressos e na internet, textos demarcados por elementos discursivos que indicassem o estabelecimento de elos com uma representação do negro a assinalar uma afirmação da identidade negra. A proposta orientou-se em identificar produções cujo discurso superasse ideias estereotipadas na classificação dos negros como inferiores, incapazes e feios, em contraposição aos elementos de inteligência, beleza e superioridade do europeu/branco. Em termos teóricos, a ênfase deste estudo recai sobre textos que discutem a identidade e práticas discursivas que moldam tais representações de modo a valorizar um contexto social e ideológico. Para tanto, teve por base referenciais teóricos de perspectiva sócio-histórica das relações entre literatura e sociedade, incluindo referenciais da história literária e cultural, da teoria da representação e multiculturalismo. A relevância desta pesquisa está em averiguar em que sentido a literatura de cordel tem contribuindo para a disseminação de um discurso de autoafirmação do negro e de sua cultura no espaço social. Assim como pela possibilidade de observar às formas de representação do negro marcadas pela busca de uma identidade positiva, considerando a diversidade cultural. Informações gerais:

Palavras-chave: Negro, Identidade, Cordel.

### **Introdução**

Esta proposta de estudo é fruto de pesquisas já realizadas no sentido de verificar as formas de configuração da representação da personagem negra nas diversas expressões temáticas da literatura de cordel (PIBIC/UEPB), quando foi possível identificar que o maior número de uma série de folhetos catalogados, de períodos e autores diferentes, traziam as marcas estereotipadas de um discurso fortemente propenso à discriminação racial.

Nessa proposta de pesquisa, o foco está voltado para uma representação da mulher negra sob outro viés, a exemplo de mulheres enquanto sujeitos que resistiram a um sistema de exploração, tornando-se protagonistas de sua história. Compreendendo-se que uma literatura não se faz isolada, mas dentro de um contexto de região e país, o que se pretende nesta proposta é realizar um estudo dos processos de construção/reconstrução da representação de uma identidade da pessoa negra em textos da literatura de cordel.

(83) 3322.3222

[contato@enlije.com.br](mailto:contato@enlije.com.br)

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)

Nesse contexto, as produções apontarão para um discurso traçado pelas marcas de uma valorização da imagem da mulher negra, ou seja, a possibilidade de identificar a valorização mediante à configuração de uma identidade positiva. Tais aspectos são notáveis em produções da cordelista cearense, Jarid Arraes, escritora comprometida com projetos sobre direitos humanos, atuando como jornalista na **Revista Fórum**, numa coluna semanal intitulada “Questão de Gênero”. Jarid Arraes trabalha com publicações de artigos nos quais escreve a respeito da educação popular e cidadania, diversidade sexual e de gênero, direitos da mulher e questões raciais.

No contexto dos Cordéis abordando questões raciais e de gênero, a cordelista Jarid Arraes trata de narrativas com mulheres negras em situações diversas. O *corpus* do trabalho será composto por 05 cordéis, centrados na temática da história de mulheres negras. O primeiro, *Corpo Escuro*, cordel publicado na coletânea de ficção científica “Universo Desconstruído”, conta a história de Jana, uma mulher que adere a um tratamento para mudar sua aparência física e se tornar branca, mas que se arrepende. O segundo, *Dora, A Negra Feminista*, traz a história de uma garota negra que cresce em um contexto de miséria, racismo e machismo, mas que encontra possibilidades de superação com a ajuda do Feminismo e das cotas raciais na Universidade. O terceiro, *Filha de Preta, Pretinha É*, trata da história de uma adolescente negra que alisa os cabelos e não aceita suas características físicas, até que sua mãe reconhece na filha os mesmos problemas que viveu em sua juventude e decide ajudá-la a enxergar a raiz da questão. O quarto, *Não me chame de Mulata*, é um cordel explicando a origem do termo “mulata”, seus significados culturais hoje em dia e a importância de se reconhecer, sem “eufemismos”, como mulher negra. O quinto, *Quem tem crespo é Rainha*, trata da beleza dos cabelos crespos, suas diversas possibilidades de penteados e estéticas e como é importante deixar que os cabelos crespos cresçam livres, naturais, valorizando sempre a negritude.

O que se pretende, mais especificamente, nesta investigação que ora se apresenta, é realizar um estudo dos processos de construção/reconstrução da representação de uma identidade positiva da mulher negra em textos da literatura cordel, que tende a assinalar a visão de uma identidade negra afirmativa, em textos da cordelista Jarid Arraes.

Uma pesquisa dessa natureza tende a não somente tornar conhecida uma dada representação da mulher negra em contextos e cenários vários, como também possibilitaria uma leitura comparativa dessa produção no sentido de melhor compreender as formas de como essa modalidade literária detém a representação do

imaginário de povo, cristalizando sua maneira de pensar e de reagir ante os fenômenos sociais.

Com efeito, esta proposta de pesquisa tem um caráter de continuidade na investigação de uma problemática, que é, ao mesmo tempo, representativa do sistema cultural brasileiro: os aspectos que definem a representação da mulher negra pelo viés da literatura. Porém, não deixa de ser inovadora, uma vez que pretende ampliar o processo de investigação referente à produção do cordel no contexto da mulher negra de luta e resistência do lugar que fala.

Refletir sobre tais representações contribui também para que identifiquemos a literatura de cordel sob uma ótica mais contextualizada, transformadora, comprometida com o social. Implica ainda buscar compreendê-la inserida em uma ação educativa, comprometida com a construção de uma sociedade democrática, preocupada com os aspectos em relação às histórias de vida, à diversidade étnico-racial, cultural e social.

Habermas (1983), discutindo o processo de construção da identidade, tanto individual quanto coletiva, vai salientar o fato de que ambas passam por um processo de desenvolvimento que, em seu ápice, deve se caracterizar pela autonomia, pela consciência, pela co-responsabilidade, tanto sobre a história pregressa como futura. Essa identidade emancipada, competente nos usos da comunicação, descentrada de si e aberta a princípios universais é denominada por Habermas de identidade “pós-convencional”. Por sua vez, Hall (2003) orienta que devemos pensar a identidade não como fato já concluído, mas como uma produção sempre em processo, constituída dentro da representação social.

A discussão da identidade coletiva é importante para as pessoas afro-descendentes, uma vez que a concepção de “povo negro” vai colocar uma série de exigências de caráter nacional e avançar uma discussão para além da nação, aproximando-a dos princípios e valores propostos por um patriotismo constitucional, que se assenta, em grandes linhas, na solidariedade, justiça e democracia. Dessa forma, compreende-se o cordel enquanto uma literatura viva, intimamente ligada com a cosmovisão popular, da qual decorre sua condição chave para o entendimento da própria identidade nacional.

### **Objetivos e metodologia**

O objetivo geral desta pesquisa está em analisar produções poéticas de cordéis da cordelista Jarid Arraes, destacando as representações de raça, gênero e etnia como forma de resistência às formas de exploração, preconceito e discriminação. Para tanto, a pesquisa se realizará por meio de análise do *corpus* de estudo,

conforme sua forma de circulação, o folheto impresso, da escritora Jarid Arraes, que trata de mulheres negras que lutaram na resistência contra as discriminações. Após leitura e análise dos textos que trazem uma representação da mulher negra, o passo seguinte será a identificação dos sistemas simbólicos quanto à representação dessa mulher negra e a fixação da base teórica específica que norteará a discussão de modo compreender o sistema de significações e de representações culturais atuantes na matéria poética em questão.

Em função disso, a metodologia de estudo será de caráter bibliográfico, baseada em pressupostos teóricos da teoria literária, uma vez que se manuseia o texto de natureza literária; compreendendo-se aí que as determinações da realidade são os pressupostos da arte, cabendo, pois, à análise literária esclarecer como um sujeito histórico reflete uma realidade também histórica (Cf. MAGALHÃES, 2005). Desse modo, significativas serão as referências a respeito da pluralidade cultural, principalmente as formulações teóricas sobre o multiculturalismo, particularmente para se compreender os potenciais e limites dessa abordagem para a construção da identidade étnico-racial e sua afirmação.

Colaborarão também os pressupostos teóricos referentes à representação social, tendo em vista que esta se desenvolve no próprio processo de interação social, particularmente, naquelas situações relativas à difusão dos conhecimentos artísticos e científicos e estudos culturais. A compreensão é de que Literatura de Cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao leitor uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar a uma reflexão sobre posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que se vive, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto.

Nesse sentido, apreender o mundo popular significa mergulhar nos significados produzidos pelos objetos sociais no interior de determinado grupo social. O cordel, como um sistema de símbolos articulados, é uma forma ampla de conhecimento que encerra outras formas de saber como teorias de senso comum. Essas teorias podem ser chamadas de representações sociais, que se configuram como sistemas de interpretação da realidade que produzem e se constituem de valores, crenças e atitudes primordiais na construção e disseminação de representações (Cf. MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2001; CHARTIER, 1990), e dos estudos sobre a teoria a partir de Sá (1996; 1998) e Madeira (2003, p. 114), cujas “representações sociais permitem ao pesquisador aproximar-se do objeto definido, no próprio dinamismo que o gera, articulando dimensões e níveis que, tradicionalmente, vinham sendo tomadas como de forma isolada ou estática”.



Assim também, em função de uma análise que se pretende investigativa e interpretativa de um “mesmo problema” em contexto literários/culturais do Brasil, inscreve-se, neste estudo, uma das possibilidades dos estudos comparativistas: a de “atuar entre várias áreas, apropriando-se de diversos métodos, próprios aos objetos que ela coloca em relação” (CARVALHAL, 1991, p.10).

Acrescentam-se ainda, dentre os referenciais de apoio à pesquisa, os estudos sobre a representação do negro a partir da história cultural e da literatura brasileira, tendo por foco aqueles estudos que problematizam as relações entre literatura e sociedade. Assim também serão necessários estudos específicos à literatura popular e à literatura de cordel, como também seu modo de circulação (impressa/virtual) dentre os quais, alguns se encontram citados no referencial bibliográfico desta proposta de estudo.

Ao tratar a questão da diversidade cultural, Anete Abramowicz (2006) diz que todo o brasileiro vive uma situação no mínimo, inusitada. De um lado, há o discurso de que nós somos um povo único, fruto de um intenso processo de miscigenação e mestiçagem, que gerou uma nação singular com indivíduos culturalmente diversificados. De outro, vivenciamos em nossas relações cotidianas inúmeras práticas preconceituosas, discriminatórias e racistas em relação a alguns segmentos da população, como, as mulheres, os indígenas e os afro-descendentes. Para Anete Abramowicz (2006, p.12) “diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança”. Nesse sentido, podemos afirmar que onde há diversidade existe diferença.

Os conceitos de gênero, raça e etnia ao serem trabalhados na sala de aula em uma perspectiva da valorização da(s) identidade(s) dos múltiplos sujeitos que convivem no mesmo espaço da escola devem ter um posicionamento político, a fim de desconstruir os estereótipos e os estigmas que foram atribuídos historicamente a alguns grupos sociais. A questão de gênero a ser trabalhado na sala de aula, deve começar pelo entendimento de como esse conceito gênero ganhou contornos políticos. O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia da essência, recusando qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudessem explicitar comportamento de homens e mulheres, empreendendo, dessa forma, uma visão naturalista, universal e imutável do comportamento. Tal determinismo serviu para justificar as desigualdades entre ambos, a partir de suas diferenças físicas. De acordo com as autoras Guacira L. Louro (1997) e Eliane Maio Braga (2007), a expressão gênero começou a ser utilizado

justamente para marcar as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física e biológica. Como

não existe natureza humana da cultura, para as autoras, a diferença sexual anatômica não pode mais ser pensada isolada das construções socioculturais em que estão imersas. A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. O sexo é atribuído ao biológico enquanto gênero e é uma construção social e histórica. A noção de gênero aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino (BRAGA, 2007).

A literatura de cordel tem sido um veículo natural da cultura popular durante muitos anos e, ainda hoje, desempenha esse papel em muitas regiões, em especial, no Brasil. Segundo Câmara Cascudo (2001), determinados fatores de formação social tornaram-se decisivos, tais como: a organização da sociedade patriarcal, o surgimento das manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família, dando oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores, como instrumentos do pensamento coletivo e das manifestações de memória popular. De forma que a literatura de cordel se tornou o meio de comunicação, o elemento difusor dos fatos ocorridos, servindo como que de jornal a pôr os leitores a conhecer o que se passava: façanhas de cangaceiro, casos de rapto de moças, crimes, estragos da seca, efeitos das cheias, tanto outros temas culturais, habitualmente impressos em brochuras de forma muito artesanal e que circulavam por diversos grupos populares. Hoje em dia, assiste-se a uma transformação não só do veículo de publicação dos textos de cordéis (impresso e virtual), como também dos temas, voltados, por exemplo, para histórias sobre casos e personagens presentes no cotidiano, o que torna possível afirmar que essa literatura tem sido, na vida cultural brasileira, um elemento importante para a configuração identitária de vários setores nacionais.

Sabemos que a cultura letrada desenha perfis e normas comportamentais e que as culturas populares e intelectuais interagem, de modo que esta mesma literatura se torna um veículo de transmissão e construção de idéias e valores que compõe a história do nosso país. Do ponto de vista da etnia, a historiografia literária nacional revela que a personagem do negro tem sido sempre colocada como vítima de um processo meramente histórico, escravagista, que até hoje provoca um olhar descentrado e naturalizador, marcado acima de tudo por estereótipos (Cf. RABASSA, 1966; SAYERS, 1958; BROOKSHAW, 1983). De certo modo, o que se revela nesses estudos é uma busca por uma dada sintonia entre as práticas sociais, culturais e a história político-social do país.

Em contraposição à historiografia tradicional que apenas apresenta o negro como elemento positivo da sociedade escravista, como aquele que aceitou passivamente a sujeição que lhe era imposta pelos senhores de escravos, é possível encontrar uma série de publicações, a exemplo dos estudos de Clóvis Moura (1977; 1981), defendendo que, mesmo quando a resistência do negro era



passiva, ela contribuía, no geral, para a luta contra a própria escravidão. No entender de Clóvis Moura, esta resistência veio de várias formas, dentre as quais, destacam-se “as formas passivas”: o suicídio, a depressão psicológica (o banzo); o assassinio dos próprios filhos ou de outros elementos escravos; a fuga tradicional; a fuga coletiva; a organização de quilombos longes das cidades; e “as formas ativas”: as revoltas cotidianas pela tomada do poder; as guerrilhas nas matas e estradas; a participação em movimentos não escravos; a resistência armada dos quilombos às invasões repressoras; e a violência pessoal ou coletiva contra senhores ou feitores.

No que diz respeito às discussões sobre raça, segundo Telles (2003), é possível demarcar ao menos três períodos históricos distintos na evolução do pensamento brasileiro: o primeiro, a supremacia branca e a ênfase no branqueamento, do século XIX ao início do século XX – este período foi marcado pela influência das “teorias raciais”, teorias ditas científicas que tinham como objetivo provar que havia uma raça superior (a branca) e raças inferiores (os negros, por exemplo), propondo uma “hierarquia de tipos biológicos” que validava a dominação e a exploração racial. O segundo período é o da democracia racial, dos anos 30 aos anos 80 do século XX – momento em que a ideia da “democracia racial”, desenvolvida por Gilberto Freyre, marcou a mudança de perspectiva com relação à miscigenação, vista agora como um aspecto positivo e que marcava a singularidade da cultura e da identidade nacionais, enfocando as relações horizontais e a convivência pacífica entre brancos e negros. Já no terceiro momento, surge a emergência da questão racial como tema de políticas públicas, a partir de 1980. Momento em que o processo de redemocratização, abre espaço para as reivindicações de diversos movimentos sociais, até então reprimidos.

A propósito do citado contexto, o viés dessa pesquisa direciona-se, então, no sentido de verificar e identificar produções cujo discurso tenda a superar a velha cartilha do pensamento ocidental, que classificou os africanos como inferiores, incapazes e feios, enquanto ressaltava a inteligência, a beleza e a superioridade do europeu/branco.

Frente a um contexto contemporâneo em que o exercício da literatura associa-

## Considerações Finais

Sendo assim, a relevância dessa pesquisa está em averiguar em que sentido essa literatura mais tem contribuindo para a disseminação de uma identidade positiva da mulher negra e de sua cultura no espaço cultural brasileiro. Assim como pela possibilidade de observar que diálogo se estabelece com outras expressões literárias do sistema literário nacional quanto às formas de representação do negro marcadas pela busca de uma identidade positiva dos povos de etnia afrodescendente.

Do ponto de vista cultural, é visível que a raça negra influenciou mais nitidamente no tocante as tradições. Danças, religião, comidas, celebrações e tradições trazidas da cultura negra estão presentes no dia a dia do nordestino. Com efeito, a busca por uma compreensão de como se processa a imagem do povo negro no cenário cultural de uma região e de uma época, não pode deixar de reconhecer que o Brasil, por razões de sua própria especificidade histórica, absorveu uma população de origem africana, que passou a dar forma ao legado cultural do país, e que, no entanto, teve o processo de afirmação de sua identidade, muitas das vezes, negada ou distorcida.

Com efeito, somente uma análise mais específica quanto à representação do negro no texto da literatura de cordel possibilitaria uma melhor compreensão do modo como afrodescendentes são retratados ou reconhecidos nesse espaço. O interesse, conforme já exposto, é analisar, desse universo, os cordéis, que tratam de personalidades femininas sob questões de raça e gênero, que resistiram às formas de exploração e preconceito e se tornaram protagonistas de suas próprias histórias. Nesse contexto, analisaremos de que modo essa luta contribuiu para a construção discursiva em função da concepção e reconhecimento das diversidades étnico-racial, com suas especificidades no processo de construção sociocultural do país.

## Referências

- ABRAMOWICZ, Anete. *Trabalhando a diferença na educação infantil*. São Paulo: Moderna, 2006.
- BRAGA, Eliane Rose Maio. “A Questão do gênero e da sexualidade na educação”. In: RODRIGUES, Elaine e ROSIN, Sheila Maria (Org.). *Infância e práticas educativas*. Maringá: EDUEM, 2007, p. 211-220.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Tradução Marta Kirst. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1983.
- CARVALHAL, Tânia F. “Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 1, n. 1, São Paulo: ABRALIC, mar. 1991.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário de folclore brasileiro*. 10ª ed. Revisto, atualizado e ilustrado. São Paulo: Global Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Literatura Oral no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympic, 1952.
- CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico* In: Estudos históricos, Vol. 08, nº16. Rio de Janeiro, 1995.



HABERMAS, Jürgen. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. *Passado como futuro*. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. (Tempo Universitário, n. 94).

HALL, Stuart. SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JODELET, D. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001.

LOURO, Guacira. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, Belmira. *O ensino de Literatura e a interconexão entre representação literária e história*. In: *Leitura*. Maceió: Imprensa Universitária, UFAL, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira*. Tradução Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

SAYERS, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.

TELLES, *Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.